7 Marchas dissidentes da marcha do Orgulho LGBT na América Latina

6 de junho de 2017

Emma Álvarez Brunel

Traduzido do espanhol para o português pelo Grupo de Estudos Anarquistas Maria Lacerda de Moura, para discussão coletiva e disponibilização do texto na internet.

Texto original disponível em https://www.joterismo.com/single-post/2017/06/06/7-Marchas-disidentes-de-la-marcha-del-Orgullo-LGBT-en-Latinoam%C3%A9rica

Autorx: Emma Álvarez Brunel. Faz parte da coletiva Manada de Jotas e do projeto "Joterismo: feminismos jotos y analquismo" [*'Viadagem: feminismos viados e analquismo'*]

Em 28 de junho de 1969, o bar Stonewall Inn foi cenário de um enfrentamento entre policiais e pessoas trans, travestis, lésbicas e bichas. Daí que a cada ano se celebre um junho a marcha do Orgulho.

O bar Stonewall Inn, localizado em Nova Iorque, acolhia a pessoas da diversidade sexual [*sic*], marginalizadas por sua condição de classe e raça, acudiam muitas latinas e afrodescendentes, pessoas sem teto, etc. A polícia fazia constantes batidas a esses espaços para deter travestis e pessoas sem documentos, como forma de "limpeza social". Essa noite, a raiva e o cansaço pela perseguição levou às pessoas que frequentavam o bar a resistir às prisões e ao fechamento do bar, exigindo espaços para visibilizar a diversidade sexual e de gênero. Os enfrentamentos duraram mais de 2 dias e agruparam mais de 2 mil manifestantes contra 400 policiais. A partir deste incidente se realizaram importantes manifestações de rua, como a primeira marcha do orgulho, um ano depois, na cidade de Nova Iorque, organizada pela Gay Liberation Front (Frente de Liberação Gay), e se formaram coletivos políticos travestis, gay e lésbicos. Verificar mais informação aqui.

Na cidade do México, a primeira Marcha do Orgulho LGBT acontece no ano de 1979, mesmo ano em que se pubica "Ojos que da pánico soñar", de José Joaquín

Blanco. Este texto, que seria considerado um manifesto homossexual, criticava a normatização da diversidade sexual, através da imitação da heterossexualidade monogâmica, sem se aventurar a se inventar outras vidas fora desse esquema. Denunciava ademais a falta de justiça e as alianças que os homossexuais de classe média faziam com sua própria classe ao invés de com os homossexuais pobres. Por último convocava para o prazer radical e a união entre "a cama e o trabalho, a intimidade e a política, o ato sexual e a solidariedade humana".

Atualmente, as marchas do Orgulho ocorrem em muitos países, mas sabemos que seu sentido mudou significativamente. Em anos recentes marchamos junto a bares, empresas que se dizem lgbti friendly, embaixadas de países como Estados Unidos e Israel, instituições do governo e partidos políticos, nos quais, em vez de celebrar sua participação, devíamos estar jogando tinta na cara. Muitas vezes, nas convocatórias às marchas se leem comentários que reforçam a misoginia, a homo/lesbo/transfobia e o desprezo por quem não respeita "os bons costumes".

Em vez de nos juntarmos para celebrar o capitalismo rosa, sentimos necessidade de seguir mostrando a raiva frente aos feminicídios e aos crimes de ódio, a violência sexual, as violências que vivemos no dia-a-dia, a falta de justiça, e a seguir nos organizando contra este sistema de morte.

Hoje compartilhamos alguns exemplos de protestos dissidentes das marchas oficiais do Orgulho LGBT na América Latina, esperando poder ampliar a lista com mais informação de quem tenha conhecimento de manifestações deste tipo ou com manifestações futuras. Esperamos ademais, que sigamos construindo a partir da raiva, a crítica, a dissidência e a autogestão, antimercado rosa e sem o Estado.

1. Ciudad de México, 2014.

No ano de 2014, o Bloque Rosa [*Bloco Rosa*] publicou dois artigos em Djovenes, em sua coluna quinzenal Transtextual, sobre a corrupção do Comitê organizador da marcha do Orgulho LGBTTTI e a necessidade de seguir mostrando a raiva pelas violências e pelos crimes de ódio que vivem as pessoas da dissidência de sexo e de gênero, "La marcha del orgullo está secuestrada" e "Transformar la marcha del Orgullo". Como resultado disso, algumxs membrxs do dito Comitê renunciaram. Além disso, organizou-se um contingente feminista-dissidente de sexo e de gênero que encabeçou a marcha e denunciava a falta de justiças nos casos de Edgar Sora, Yakiri Rubio, Agnés Torre e Alejandra Gil, entre outros. Neste contingente participaram coletivos como Bloque Rosa, Gafas violetas [1], Anarcoqueer, coletivo

Poliamor, AVE de México, Maricas Antiespecistas, Puta Colectiva, Hombres XX, etc. Recomendamos verificar aqui o texto lido ao início da marcha do Orgulho desse ano. E acá um vídeo onde podem ver algumas imagens do contingente. Mais adiante, a revista Proceso lançaria um artigo criminalizando ao contigente por “vandalizar do Hemiciclo a Juárez” e as coletivas responderiam neste comunicado.

2. Buenos Aires, Argentina, 2016.

Em 26 de novembro de 2016, um grupo de coletivas feministas se organizam para intervir na marcha do orgulho em Buenos Aires, fazendo um contingente. Entre as participantes estavam Colectiva Lohana Berkins, Democracia Socialista, Desde el Fuego CABA, Furia Trava, HIEDRAH Club de Baile, Independientes, Partido Comunista, Tortas de Barrio [2] e FOL em La Brecha.

As participantes deste contingente anunciaram seu descontentamento porque os organizadores oficiais da marcha tinham aliançar com o Estado, algo com que não se identificavam, como mostra a entrevista de rádio a Nicolás Cuello que se escuta aqui.

Entre suas palavras de ordem estavam Macri (o presidente argentino) é fome, ajuste e repressão! Basta de travesticídios (como o ocorrido contra a ativista travesti Diana Sacayán)! Migrar é um direito humano! Separação da Igreja e do Estado! E Aborto legal, livre e gratuito!

Denunciavam também a precarização da vida pelo desemprego, a inflação, o empobrecimento, o desmantelamento de programas sociais, a discriminação no trabalho e em outros ambientes, o aumento da repressão e a intervenção pública da Igreja Católica contra os direitos das muheres e das pessoas da diversidade sexual [*sic*]. O comunicado completo pode ser lido aqui.

3. Santiago de Chile, 2011.

Para a marcha do Orgulho na capital chilena em 2011, realizou-se o protesto "Rubias para el Bicentenario". Para esta ação a Colectiva Universitaria de Disidencia Sexual (CUDS) organizou uma "peluquería de barrio" [*'barbearia de bairro'*] onde descoloriam o cabelo das pessoas que permitiam e as convidavam a mudar o nome. Esta ação era uma crítica ao ideal de sujeito que busca a nação, que se evidencia com o branqueamento do mestizo [*sic*], isso no contexto da celebração do bicentenário da independência chilena. Desta maneira, faziam uma crítica também ao pensamento de direita racista e classista, tão presente na "comunidade LGBT". O vídeo de "Rubias para el bicentenario" podem ver aqui.

4. Neuquén, Argentina, 2016.

Com o titulo "FIN DE ESTE ORGULLO, PRINCIPIO DE NUESTRO CAOS". o agrupamento de lésbicas Potencia tortillera [2] convocou para um contingente em Neuquén, Argentina.

Parte seu pronunciamento critica o fazer político das organizações LGBT: "Porque as organizações lgbttti escolhem disputar espaços nas instituições estatais, enclausurando e confinando nossos corpos, nossas vidas e desejos em leis e políticas de igualdade. Porque propõem ao Estado como fiador dos afetos. Porque decoram com luzinhas coloridas as paredes do prédio do governo onde recordamos com pixações os nomes dxs mortxs, deixando nas sombras a memória púbica de nossas dores, ao mesmo tempo que essas mesmas paredes protegem aos assassinos." Continuam com uma crítica a que o Orgulho nos leve à normatização e a buscar o matrimônio, enquanto elas, sapatas feministas, propõem o caos. "CAOS porque nossos corpos e desejo transbordam, explodem, contaminam tudo, querem a tudo. Porque nossos suores, salivas, fluxos, raivas não cabem nas suas leis".

O texto completo com imagens pode ser lido aqui.

5. Acampe Travesti, Buenos Aires, Argentina, 2009.

Na noite anterior à marcha do Orgulho LGBT de Buenos Aires, um grupo de coletivas e ativistas organizaram um acampamento na Plaza de Mayo para denunciar a situação de violências que vivem as pessoas travestis na Argentina, nas palavras da ativista Lohana Berkins "as irmãs mais pobres e castigadas da comunidade". Enfatizaram que 70% das pessoas travestis argentinas não terminam a escola primária e a expectativa de vida entre esta população é de somente 32 anos.

Também insistiram em recuperar a marcha de sua mercantilização para fazer dela um espaço de luta. Para a noite se programaram diversos eventos, como uma conferência de imprensa, oficinas de construção de memória coletiva trans, música, performance, etc. O pronunciamento se encontra aqui.

Na manhã seguinte participaram como contramarcha no evento oficial, tendo palavras de ordem e posturas antipatriarcais e anticapitalistas, como se pode verificar no seguinte link.

6. Contramarcha, Ciudad de México, 2016.

Depois de se fazer uma assembleia feminista das dissidências de sexo e de gênero, convocou-se a uma contramarcha.

Enquanto a marcha oficial se iniciava, caminhando sobre a avenida Reforma em direção ao centro da cidade, foi interrompida à altura do senado da República por grupos feministas e dissidentes que formavam a contramarcha, que impediram a passagem dos carros alegóricos por alguns minutos para ler seu pronunciamento, todes, todos e todas vestidas de preto, encapuzadas, com o punho ergido pintado de roxo.

Entre as grandes críticas que fazia à marcha oficial estava a insatisfação contra um grupo de ativistas LGBT que havia participado umas semanas antes em uma reunião oficial com o presidente Enrique Peña Nieto, celebrando o ocorrido como “um dia histórico” para a comunidade.

“Nós não queremos fotos hipócritas ao lado de um assassino. Nós queremos que pare seu regime mortal, sustentado por morte e repressão: de 43 corpos desaparecidos, de milhares de mulheres assassinadas, de professoras e professores espancados, de pessoas que andam em direção ao precipício da precarização, de 10 mortes, 20 mortes, de milhares de narcomortes [*sic*]. Nós não podemos embarcar em seu suposto

trem do progresso, nós não marchamos sozinhas, caminhamos acompanhando a outros processos, nos reconhecemos em outras, outros, outres, que não têm justiça, nem verdade: as indígenas, as operárias, as professoras, as migrantes, as feministas, as racializadas [*sic*], a diversidade funcional [3], as outras lutas", dizia seu pronunciamento.

Por outro lado, estava a denúncia à Cidade do México, que hipocritamente se declarava "ciudad LGBT amigable": "A cidade também se declara gay friendly. Sua amizade se limita aos gays ricos. Aos corpos normatizados e aceitáveis. Aos bairros gentrificados, os quais utilizam a força policial e econômica para retirar de seus lugares a quem menos tem. Frente a essa realidade que nos segrega e despolitiza, as mortes continuam, os assassinatos. E todavia não há justiça, nem se tem garantido a não repetição dos danos."

Depois de ler o pronunciamento e cantar algumas palavras de ordem, o grupo de manifestantes avançou em sentido contrário aos contingentes oficiais.

7. La Otra Marcha, Chile.

"La Otra Marcha" se organizou pela primeira vez no ano de 2003, quando se apresentaram fortes tensões entre organizações LGBT e o bloco lesbofeminista, ano em que a organização do orgulho decidiu usar o slogan "La patria gay".

Se repetiria no ano seguinte como contingente e em 2005 decidiram marchar como último contingente da marcha oficial.

No ano passado a crítica foi direta contra as organizações Iguales e Movilh, acusadas de priorizar ao matrimônio entre pessoas do mesmo sexo, enquanto se esqueciam os crimes de ódio. Também as acusava de reproduzir o machismo entre os homens gays, o que resulta em violência e dupla marginalização para travestis e mulheres lésbicas.

Pode-se verificar mais informação neste link e neste outro.

*NOTAS DA TRADUÇÃO

1 – Faz referência à metáfora das ‘lentes violetas’. Trata-se de como o feminismo te faz perceber violências e nuances da realidade patriarcal que não percebíamos antes.

2 – O termo *tortillera* e variações como *torta* e *tortera* são xingamentos usados em regiões onde se fala espanhol para se referir a lésbicas e ressignificados por movimentos sociais e coletivos como ‘Tortas de Barrio’ e ‘Potencia tortillera’, de forma análoga à palavra portuguesa *sapatão*.

3 – *Diversidad funcional* é uma alternativa a termos pejorativos como *discapacidad* [*deficiência*/*incapacidade*] que tem começado a se utilizar por iniciativa das próprias pessoas afetadas nas regiões onde se fala espanhol.